 Tempo de leitura: 18 min.

Santo Artêmides Zatti, salesiano coadjutor, nasceu em Boretto em 1880 e, muito pobre, emigrou ainda bem jovem para a Argentina, onde descobriu sua vocação no serviço aos mais necessitados. Tendo entrado no aspirantado salesiano em Bernal, enfrentou tenazmente as dificuldades em seus estudos e adoeceu de tuberculose, da qual se recuperou graças à sua fé inabalável e à promessa feita a Nossa Senhora. Ele renunciou ao sacerdócio e, como enfermeiro leigo, dedicou sua vida ao hospital de Viedma: organizando a farmácia, tratando os doentes até mesmo nas ruas em sua bicicleta, apoiando as famílias pobres com uma caridade incansável. Beatificado em 2002 e canonizado em 2022, Zatti encarna o "Bom Samaritano" salesiano, um modelo de santidade leiga e dedicação profética ao próximo.

1. **Perfil biográfico**

Artêmides Zatti nasceu em Boretto (Reggio Emília) em 12 de outubro de 1880. Não demorou muito para que ele experimentasse a dureza do sacrifício, tanto que, aos nove anos de idade, já estava ganhando a vida como operário. Forçada pela pobreza, a família Zatti, no início de 1897 (Artêmides tinha então 17 anos de idade), emigrou para a Argentina e se estabeleceu em Bahía Blanca.

O jovem Artêmides começou a trabalhar imediatamente, primeiro em um hotel e depois em uma fábrica de tijolos. Ele começou a frequentar a paróquia dirigida pelos salesianos. Naquela época, o pároco de Bahía Blanca era o salesiano P. Carlos Cavalli, um homem piedoso e de extraordinária bondade. Artêmides encontrou no P. Cavalli o seu diretor espiritual e o pároco encontrou em Artêmides um excelente colaborador.

Ele logo se voltou para a vida salesiana. Tinha 20 anos de idade quando foi para o aspirantado em Bernal. Foram anos muito difíceis para Artêmides, que estava à frente de seus companheiros em idade, mas atrás deles nos poucos estudos que havia feito. Mas ele superou todas as dificuldades, graças à sua vontade tenaz, sua inteligência aguçada e uma piedade sólida. Sem sombra de complexos, aceitava com facilidade sentar-se nos bancos entre meninos de 11 a 14 anos; colocava-se à disposição para todas as ocupações, mesmo as mais delicadas e cansativas que lhe

eram confiadas, pois era considerado um “factótum” por seus superiores, devido à sua maturidade e habilidade.

Ao ajudar um jovem padre tuberculoso, infelizmente contraiu a doença. O interesse paterno do P. Cavalli – que o acompanhava de longe – fez com que a casa salesiana de Viedma fosse escolhida para ele, onde havia um clima mais adequado e, acima de tudo, um hospital com um bom enfermeiro salesiano que, na prática, atuava como “médico”: P. Evásio Garrone. Este último percebeu imediatamente o grave estado de saúde do jovem e, ao mesmo tempo, sentiu suas virtudes incomuns. “Ele poderia ser meu sucessor”, pensou, pois estava começando a sentir o peso dos anos e das doenças. Ele convidou Artêmides a orar a Maria Auxiliadora para obter sua recuperação, mas também sugeriu fazer uma promessa: “Se ela o curar, você dedicará toda a sua vida a essas pessoas doentes”. Dito e feito. Artêmides fez essa promessa de bom grado e foi misteriosamente curado. Mais tarde, ele diria: “Creí, prometí, sané” (Acreditei, prometi, sarei). Seu caminho estava agora claramente traçado e ele embarcou nele com entusiasmo.

Aceitou com humildade e docilidade o sofrimento não pequeno de renunciar ao sacerdócio (por causa da doença que havia contraído). Nem naquela época, nem mais tarde, jamais saiu de sua boca um lamento por essa meta não alcançada. Todas as vezes que falou sobre isso em sua vida, ele o fez “sin amargura” (sem amargura), como afirmaram as testemunhas no julgamento. Ele fez sua primeira profissão como irmão leigo em 11 de janeiro de 1908 e sua profissão perpétua em 8 de fevereiro de 1911. Cumprindo sua promessa a Nossa Senhora, dedicou-se imediata e integralmente ao hospital, inicialmente cuidando da farmácia adjacente, depois de ter obtido o título de “qualificado em farmácia”.

Quando o P. Garrone faleceu em 1913, toda a responsabilidade pelo hospital recaiu sobre seus ombros. De fato, ele se tornou vice-diretor, administrador, enfermeiro especialista, estimado por todos os pacientes e pelos próprios médicos, que gradualmente lhe deram mais e mais liberdade de ação. Durante toda a sua vida, o hospital foi o lugar onde ele exercitou sua virtude, dia após dia, até o grau heroico : levantar às 4h30; meditação e missa; visita a todas as enfermarias; depois, em sua bicicleta – sua lendária bicicleta –, assistir os doentes espalhados pela cidade; depois do almoço, das 14 às 18 horas, outra visita aos doentes dentro e fora do hospital; até as 20 horas, na farmácia; outro retorno às enfermarias; até as 23 horas, estudo e leituras ascéticas; depois, descanso, mas sempre disponível para possíveis chamados.

Como se pode ver, seu serviço não se limitava ao hospital, mas se estendia a toda a cidade, ou melhor, às duas localidades às margens do rio Negro: Viedma e Patagones. Por que a bicicleta e não um carro, que também lhe foi dado e que ele se apressou em vender? Em primeiro lugar, por espírito de pobreza, mas também porque ele estava convencido de que a bicicleta "era mais adequada para abordar as pessoas". Ao sair, ele sempre carregava seu jaleco branco e uma sacola com os medicamentos mais comuns. Uma mão no guidão e a outra com o rosário. Ele preferia as famílias pobres, mas também era chamado pelos ricos. Em caso de necessidade, ele se deslocava a qualquer hora do dia e da noite, independentemente do clima. Ele não ficava no centro da cidade, mas também ia aos casebres dos subúrbios. Fazia tudo de graça e, se conseguisse algo, dava ao hospital. Quando a enfermeira lhe dizia que o remédio era muito caro, Artêmides respondia imediatamente: "Não diga isso. A Providência é rica. Ela fornecerá tudo". Sua fama de santo enfermeiro se espalhou por todo o sul, e pessoas doentes de toda a Patagônia o procuravam. Não era incomum que os doentes preferissem a visita do santo enfermeiro à dos médicos.

Artêmides Zatti amava seus doentes de uma forma verdadeiramente comovente. Ela via o próprio Jesus neles, de tal ponto que, quando pedia às irmãs uma peça de roupa íntima ou uma roupa para um paciente, dizia: "Dê-me uma roupa para um Jesus idoso"; "Dê-me uma roupa para um Jesus de 12 anos". Houve uma época em que os superiores ordenaram que apenas 70 pacientes fossem admitidos. Foi o que ele disse a um de seus coirmãos: "O que aconteceria se o 71º doente fosse o próprio Jesus e não houvesse leito disponível?". Sua preocupação com os doentes era tamanha que chegava a nuances delicadas. Há quem se lembre de tê-lo visto carregar o corpo de um paciente que havia morrido durante a noite em seus ombros em direção ao necrotério, para tirá-lo da vista dos outros pacientes: e ele fazia isso recitando o *De Profundis*.

Ele sempre foi obsequioso com os médicos e os donos do hospital. Mas a situação nem sempre era fácil, seja por causa do caráter de alguns deles, seja por causa das brigas que poderiam surgir entre os gerentes legais e ele, que na verdade era um deles. Mas ele conseguiu conquistar todos eles e, com seu equilíbrio, conseguiu resolver até mesmo as situações mais delicadas. Fiel ao espírito salesiano e ao lema "trabalho e temperança", legado por Dom Bosco a seus filhos, desenvolveu uma atividade prodigiosa com habitual disponibilidade de espírito, com espírito de sacrifício, especialmente durante o serviço noturno, com absoluto desapego a qualquer satisfação pessoal, sem nunca tirar férias ou descansar. Alguns disseram

que seus únicos cinco dias de descanso foram aqueles passados… na prisão! Sim, ele também foi preso por causa da fuga de um prisioneiro que estava sendo tratado no hospital, uma fuga que, de maneira manifestamente sectária, foi atribuída ao santo. Ele foi absolvido e seu retorno para casa foi um triunfo.

Somente um profundo domínio interior poderia lhe possibilitar a vitória sobre a fácil irregularidade do horário. Em vez disso, ele foi edificante ao testemunhar a fidelidade à vida comum. Todos ficaram impressionados com o fato de esse santo religioso, tão ocupado com seus muitos compromissos no hospital, poder ser, ao mesmo tempo, o representante da regularidade da vida comunitária. Era ele quem tocava a campainha, era ele quem precedia todos os outros coirmãos nos compromissos comunitários. Como bom salesiano, sabia fazer da alegria um componente de sua santidade. Estava sempre sorrindo alegremente.

As poucas fotos que chegaram até nós o mostram sempre sorrindo. Era um homem de relações humanas fáceis, com uma visível carga de simpatia, feliz em se entreter com pessoas humildes. Mas, acima de tudo, era um homem de Deus. Ele irradiava isso. Um dos médicos do hospital disse: “Quando via o Sr. Zatti, minha incredulidade vacilava”. E outro: “Acredito em Deus desde que conheci o Sr. Zatti”.

Quando o P. Pedro Berruti, Prefeito Geral dos Salesianos, que morreu em conceito de santidade, fez uma visita extraordinária à Patagônia, ele expressou esse julgamento sobre o santo por escrito: “Hospital milagre. O irmão Zatti é o homem da Providência.

O hospital é um milagre da Providência; não entendo como pode subsistir”.

Em 1950, o Sr. Zatti caiu de uma escada e foi durante esse acidente que se manifestaram os sintomas de um câncer, que ele diagnosticou com lucidez. No entanto, ele continuou a cumprir sua missão por mais um ano, até que, depois de aceitar heroicamente o sofrimento, faleceu em 15 de março de 1951 em plena consciência, cercado pelo carinho e gratidão de uma população que, a partir de então, começou a invocá-lo como intercessor junto a Deus.

Todos os habitantes de Viedma e Patagones compareceram ao seu funeral em uma procissão sem precedentes. Em 7 de julho de 1997, ele foi declarado venerável e, em 14 de abril de 2002, João Paulo II o inscreveu no álbum dos bem-aventurados. Em 9 de outubro de 2022, ele foi canonizado durante uma celebração na Praça de São Pedro pelo Papa Francisco.

2. **Coadjutor Artêmides Zatti: uma novidade explosiva**

Da carta escrita pelo P. Juan Edmundo Vecchi por ocasião da beatificação de Artêmides Zatti (31 de maio de 2001), recordamos algumas passagens que ainda são pontos significativos para reflexão e estímulo à ação.

O próprio título da carta já é interessante e provocativo: *Beatificação do Coadjutor Artêmides Zatti: uma novidade explosiva*.

– A *novidade* de hoje, a que se refere o título da carta, consiste precisamente em incluir um coadjutor entre aqueles que a Igreja considerou dignos de serem propostos, por um ato público, como modelos de vida espiritual e de caridade aos seus irmãos e irmãs religiosos e, mais amplamente, a todos os cristãos. E isso com base no testemunho de muitos, confirmado por Deus por meio de um evento "milagroso" atribuído à sua intercessão.

– Artêmides Zatti é *o primeiro coadjutor salesiano não-mártir a ser beatificado*, e o fato dá, como já disse, um toque de completude à série de modelos de espiritualidade salesiana que a Igreja declara oficialmente como tal.

Chamei essa novidade de "*explosiva*", no sentido de que ela nos sacode, nos desafia em nossa fidelidade carismática e em nossa capacidade de propor modelos verdadeiramente significativos e atraentes de vocação leiga salesiana hoje (p. 5)…

– Pretendo dirigir um convite premente para meditar sobre a figura de Zatti, a fim de suscitar uma orientação e um compromisso prático, em nível inspetorial e regional, em favor da vocação do coadjutor salesiano. Quando não conseguimos nos comunicar e "contagiar" nesse nível, nosso trabalho se torna pouco incisivo e os sonhos de reformas globais se tornam estéreis. Para ser realmente eficaz, é essencial pensar globalmente e agir decisivamente em nível local (p. 6).

No final da carta, o P. Vecchi retoma esse aspecto de novidade, que ele faz coincidir com o valor e a força profética da vida consagrada. Isso significa: o primado de Deus, o dom de si em um movimento de amor indiviso a Deus e aos irmãos, a

capacidade de suscitar o assombro pelo dom da vida, uma luta decidida e intransigente contra o mal que está em nós e fora de nós.

O evento de sua beatificação e canonização, que o propõe como um modelo singular para a nossa Família e para a Igreja, enfatiza um elemento fundamental da nossa experiência como pessoas consagradas: *é a prioridade dada à dimensão espiritual da existência*, à novidade e à profecia trazidas pela Encarnação, que se manifesta em uma caridade capaz de realizar atos maiores do que o homem. Essa é a principal forma profética do cristianismo: surpreender com a escolha radical do amor, contestar destemidamente toda ambiguidade, trabalhar decisivamente contra o mal, que humilha as pessoas. Talvez a urgência de hoje não seja estabelecer um grande número de instituições (de educação formal), mas revisar a mensagem transmitida por nossa vida pessoal e comunitária como um evangelho desdobrado no tempo e uma extensão da vida e das ações de Jesus. Em uma palavra, *nossa santidade*! (pp. 55-56).

2.1. Testemunho original da santidade salesiana

A consagração apostólica desse santo se encarnou em sua generosa doação ao serviço dos pobres e dos doentes. Seu ser salesiano assumiu uma fisionomia própria: a santidade não é algo genérico, mas um processo de identificação espiritual fruto da ação da graça e da resposta livre e criativa do crente.

O observador atento não pode deixar de notar a total consagração à missão salesiana vivida na acolhida dos pobres de todo tipo, na dedicação aos necessitados e na atenção médica aos doentes contagiosos ou repulsivos, na abertura de espaço para os excluídos da sociedade, na pastoral para levar a Deus os doentes e também os moribundos. Era uma presença ativa na esfera social, tudo animado pela caridade de Cristo que o impulsionava interiormente! Seu testemunho é dirigido a todos os salesianos, a todas as comunidades locais e inspetoriais.

Ele fala da vocação como experiência de vida em Deus segundo as características do carisma, do qual o Espírito nos deu o dom (p. 26-27).

2.2. Dedicação absoluta à missão: Bom Samaritano, no estilo de Dom Bosco.

O Papa Bento XVI, em sua primeira encíclica *Deus caritas est,* assim se expressou: “O programa do cristão – o programa do Bom Samaritano, o programa de Jesus – é “um coração que vê”. Esse coração vê onde o amor é necessário e age de acordo” (n. 31). De fato, “a parábola do Bom Samaritano permanece como critério de medida, impõe a universalidade do amor que se volta para o necessitado encontrado “por acaso” (cf. Lc 10,31), seja ele quem for” (n. 25).

Em Artêmides Zatti, a compaixão do Bom Samaritano nasce do ver próprio da fé. Há uma forte referência à fé como fundamento e alma de toda obra caritativa e assistencial: uma fé que o leva a reconhecer o rosto de Cristo em cada pobre, marginalizado, proscrito; uma fé que o leva a viver a concretude do amor; uma fé que culmina no dom supremo de introduzi-lo na experiência fundamental de ser filho de Deus, diante da qual toda miséria e carência humana é preenchida na medida de uma esperança que se expande em direção a uma plenitude de felicidade eterna e completa.

Há uma série de historietas que o mostram carregando e trazendo para perto de si os doentes, dos quais os outros se afastam por serem contagiosos, deformados, repulsivos, difíceis de tratar. Só isso já dá uma ideia da visão com a qual ele agia. Mas ficamos ainda mais edificados com expressões como estas, repetidas às Filhas de Maria Auxiliadora, que eram sempre delicadas, sempre dispostas e caridosas colaboradoras do Hospital, no qual havia uma seção reservada às mulheres: “Irmã, por favor, um vestido e uma cama para um Jesus de 14 (ou 75) anos”...

Ele tinha uma habilidade especial para tratar pacientes jovens e até mesmo ajudá-los a fechar os olhos no Senhor com um senso de confiança, alegria e serenidade.

Gosto, entre muitas outras, de lembrar esta comovente historieta ouvida por uma testemunha. A um garoto que havia chegado no momento supremo, Zatti, ao seu lado como pai e irmão, disse: “Vamos ao nosso Pai: feche os olhos, junte as mãos. Agora vamos dizer: Pai Nosso”. Durante a oração, a alma do jovem voa para o céu (p. 28).

2.3. Enfermeiro educador

Essa fé que anima a caridade generosa é, por sua vez, promovida pela caridade que educa para a fé. De maneira muito simples, cotidiana e salesiana, Zatti desenvolveu em seus destinatários e colaboradores o sentido da fé, valorizando os momentos da manhã e da noite como momentos de recolhimento, de encontrar em Deus o nosso sopro vital.

No hospital, ele criou um ambiente familiar que – como já recordei – tinha seu momento matinal ao acordar, respondendo em coro a uma pergunta agora ritual: “Todos estão respirando?”, seguido de assistência pessoal aos necessitados e de ação de graças ao Senhor.

Um momento familiar era também, depois do almoço, o jogo de boliche; e seu momento muito salesiano à noite: a “Boa noite” diária (p. 29).

2.4. O “trabalho santificado”: síntese entre espiritualidade e profissionalismo

A visão da fé e o fluxo da caridade são misturados na concretude da vida como um fermento que leveda e anima os compromissos, as responsabilidades e garante que as exigências da competência, do profissionalismo e da atualização não se sobreponham e se elevem ao horizonte último de tudo: isso seria uma verdadeira tragédia e um verme que levaria ao esvaziamento da vida consagrada e à sua própria insignificância. A perspectiva de querer relançar a vida leiga consagrada com uma certa absolutização do aspecto profissional empobreceu, quando não sufocou, a própria vocação.

A busca do profissionalismo – que hoje parece ser uma exigência inevitável de nossas sociedades, especialmente as mais evoluídas – representa um desafio para a vida religiosa. De fato, ela poderia correr o risco de se achatar no lado secular, fazendo dele a fonte de sua identidade e escondendo – ou, em todo caso, deixando

em segundo plano – a identidade da vida religiosa, que está ligada a motivações sobrenaturais. A tal desafio é necessário responder com uma particular "*graça de unidade*", que transforma o profissionalismo em um recurso para a vida consagrada e, de fato, se assim se pode dizer, em sua ulterior qualificação (p. 31).

2.5. Reflexo de Deus com radicalidade evangélica

Precisamente porque sua existência se baseava na escolha fundamental de Deus e de Sua vontade, ela se tornou uma transparência do amor e da bondade de Deus. A união com Deus que permeava cada momento e compromisso do dia se manifestava tanto em um estilo de vida equilibrado e ordenado quanto no cuidado atento com os relacionamentos e a vida fraterna.

Com relação à intensidade com que o servo de Deus viveu sua fé, com uma *união contínua com Deus*, o bispo Dom M. Pérez expressou o seguinte: "A impressão que tive foi a de um homem unido ao Senhor. A oração era como a respiração de sua alma, todo o seu comportamento mostrava que ele vivia plenamente o primeiro mandamento de Deus: ele o amava com todo o seu coração, com toda a sua mente e com toda a sua alma". O P. F. López confirmou o mesmo: "Era evidente que o servo de Deus praticava a oração contínua: em sua bicicleta, pedalava e rezava, e quando atendia os doentes, naturalmente pronunciava expressões de fé e palavras que elevavam o espírito, mesmo com os religiosos"... O P. F. Prieto assim testemunhou: "No desempenho dos atos comunitários, ele era exemplar. Quero dizer que ele nunca fez uso das liberdades que tinha em seu cargo para se isentar de qualquer ato comunitário". E a testemunha continuou: "O servo de Deus era um religioso observador e exemplar. Pontual, infalível, nunca o ouvi dizer: «Eu não estava lá porque...». Sua presença era muito fraterna...". (pp. 33-34).

3. A pastoral vocacional: um convite a um compromisso extraordinário

A proposta de santidade que nasce de Artêmides Zatti relança tanto a convicção do significado da presença do coadjutor salesiano na missão salesiana, quanto a necessidade e a importância de um empenho específico para promover e

acompanhar essa vocação, buscando os caminhos e as condições que favoreçam seu nascimento e crescimento. Ela é, antes de tudo, um dom de Deus que deve ser reconhecido e cultivado. A pastoral vocacional se concretiza na oração, no anúncio, na proposta, na acolhida, no acompanhamento, na partilha da realidade e do contexto religioso, social e cultural em que se é chamado a viver e a trabalhar como indivíduo e como comunidade.

A dificuldade fundamental para propor a vocação à vida consagrada é a perda do sentido de Deus em nossa sociedade e em nossa cultura, o processo de descristianização que, no espaço de poucas gerações, se espalhou como uma sombra escura, atacando os gânglios vitais da estrutura eclesial e social, especialmente nos países de antiga tradição cristã. Essa situação, que é de secularismo e de emergência educativa, nos compromete hoje com a fronteira e a trincheira de uma nova evangelização e educação com a contribuição de uma identidade forte e corajosa.

Essas dificuldades, de cuja incidência estamos cientes, longe de enfraquecer, devem estimular e tornar mais convicto o nosso compromisso. Nesse contexto, as palavras de João Paulo II na exortação apostólica *Vita Consecrata*, referindo-se às dificuldades e às perspectivas das vocações, parecem-me mais apropriadas do que nunca: “As novas situações de escassez devem, portanto, ser enfrentadas com a serenidade de quem sabe que o que se exige de cada um não é tanto o sucesso quanto o empenho de fidelidade”. É um empenho de fidelidade: fidelidade ao dom de Deus e fidelidade ao projeto de Dom Bosco. Nossa primeira atitude deve ser de confiança no Senhor e de recurso a Ele (p. 49).

O P. Vecchi também recordou algumas características e condições que permitem que a vocação do coadjutor seja evangelizada.

Mas não me lembro de nenhuma vocação salesiana fundada que não tivesse essas quatro características: espírito e desejo de Deus, a ponto de dar a Ele a primazia no amor e na organização da vida; fascínio por Dom Bosco; paixão pela missão educativo-pastoral juvenil; senso de complementaridade fraterna, sem complexos

de subalternidade, benigno, tolerante e generoso na comunidade. Costuma-se dizer que a vocação do salesiano coadjutor, embora seja completa e significativa em si mesma, tem uma visibilidade fraca, e isso se refere sobretudo à sua experiência de consagrado, ao seu ser educador-pastor, à sua capacidade de animação e de comunicação dos valores do carisma. Essa é uma consideração que desafia cada salesiano e cada comunidade no contexto atual e no novo modelo operacional... Como fazer com que os jovens e os colaboradores compreendam as motivações fundamentais que movem a nossa vida e constituem a sua originalidade, e que se sintam encorajados a seguir o nosso caminho? A resposta pode vir do cuidado com a experiência pessoal de vida e com a sua comunicação, da qualidade da formação, da valorização das formas de "visibilidade" que manifestam o "sentido" vivido e testemunhado (p. 50-51).

3.1. A intercessão de Artêmides Zatti e a fecundidade vocacional: um testemunho singular.

Quem experimentou a eficaz intercessão de Artêmides Zatti precisamente com relação à vocação do leigo consagrado foi o Papa Francisco. Quando era Provincial dos Jesuítas na Argentina, ele deu o seu testemunho em uma carta escrita ao P. Cayetano Bruno, salesiano, em 18 de maio de 1986.

"Caro P. Bruno: *Pax Christi*! Em sua carta de 24 de fevereiro, você me pediu para tentar escrever algo sobre a experiência que tive com o Sr. Zatti (de quem me tornei um grande amigo), a respeito das vocações dos coadjutores. [...] Tínhamos uma escassez muito grande de Irmãos Coadjutores. Tomo como referência o ano de 1976, ano em que tomei conhecimento da vida do Sr. Zatti. Naquele ano, o Irmão Coadjutor mais jovem tinha 35 anos, era enfermeiro e morreria quatro anos depois, vítima de um tumor cerebral. O que o sucedeu em idade tinha 46 anos, e o que veio depois tinha 50. Os outros eram todos idosos (muitos deles ainda estão trabalhando hoje como remadores em seus 80 anos). Esse "quadro demográfico" dos Irmãos Coadjutores na Província Argentina levou muitos a pensar que essa era uma situação irreversível e que não haveria mais vocações. Alguns chegaram a questionar a "relevância" da vocação do Irmão Coadjutor na Companhia, porque, olhando para os fatos, parecia que eles iriam extinguir-se. Além disso, em vários lugares estavam sendo feitos esforços para delinear uma "nova imagem" do Irmão

Coadjutor, para ver se, por esse caminho, haveria uma atração mais forte dos jovens para seguir esse ideal.

Por outro lado, o Padre Geral, P. Pedro Arrupe S.J., insistiu fortemente na necessidade da vocação do Irmão Coadjutor para todo o corpo da Companhia. Ele chegou ao ponto de dizer que a Companhia não era a Companhia sem os Irmãos Coadjutores. Os esforços feitos pelo P. Arrupe nessa área foram enormes. A crise não era apenas de algumas Províncias, mas de toda a Companhia (com relação às vocações dos coadjutores).

Em 1976, acho que foi por volta de setembro, durante uma visita canônica aos missionários jesuítas no norte da Argentina, fiquei alguns dias no Arcebispado de Salta. Lá, entre as conversas no final das refeições, o bispo Dom Pérez me contou sobre a vida do Sr. Zatti. Ele também me deu o livro da vida para ler. Sua figura muito completa como coadjutor chamou minha atenção. Naquele momento, senti que precisava pedir ao Senhor, por intercessão daquele grande coadjutor, que nos enviasse vocações de coadjutores. Fiz novenas e pedi aos noviços que as fizessem. [...] Em Salta, em várias ocasiões, senti a inspiração de recomendar ao Senhor e à Senhora do Milagre o aumento das vocações na Província (isso em geral, e não especificamente de coadjutores, o que fiz com o Sr. Zatti). Também fiz uma promessa: que os noviços iriam em peregrinação à festa do Senhor do Milagre se atingíssemos o número de 35 noviços (isso foi realizado em setembro de 1979). Voltemos ao chamado para vocações de coadjutores. Em julho de 1977, o primeiro jovem coadjutor entrou (atualmente ele tem 32 anos). Em 29 de outubro do mesmo ano, entrou o segundo (atualmente com 33 anos)". A carta continua, apresentando ano a ano a lista de 16 outros coadjutores que entraram de 1978 a 1986. E continua: "Desde que começamos nossas orações ao Sr. Zatti, 18 jovens coadjutores entraram e outros 5 vieram do noviciado e do juvenato. No total, 23 vocações. Os noviços, estudantes e jovens coadjutores fizeram a novena em homenagem ao Sr. Zatti várias vezes, pedindo vocações de coadjutores. Eu mesmo fiz isso. Estou convencido de sua intercessão nesse assunto, pois, considerando o número, é um caso raro na Companhia. Em agradecimento, na 2ª e 3ª edições do Devocionário do Sagrado Coração, colocamos a novena para pedir a canonização do Sr. Zatti. Um fato interessante é a qualidade daqueles que entraram e que perseveram. São jovens que querem ser Coadjutores como Santo Inácio queria que fossem, sem "dourar a pílula". Para nós, a vocação do irmão coadjutor é muito importante. O Padre Arrupe disse que a Companhia, sem eles, não seria a Companhia. Eles têm um carisma especial que é nutrido pela oração e pelo

trabalho. E eles são bons para todo o corpo da Companhia. […] São piedosos, alegres, trabalhadores, saudáveis. São muito viris e têm consciência da vocação para a qual foram chamados. Sentem a responsabilidade especial de rezar pelos jovens estudantes jesuítas que estão se preparando para o sacerdócio. Não se veem neles "complexos de inferioridade" por não serem padres, nem lhes passa pela cabeça aspirar ao diaconato... etc.; eles sabem qual é sua vocação e querem que seja assim. Isso é saudável. E é bom. Essa foi, em linhas gerais, a história de meu relacionamento com o Sr. Zatti sobre o problema das vocações dos Irmãos Coadjutores da Companhia. Repito que estou convencido de sua intercessão, porque sei o quanto rezamos ao colocá-lo como nosso advogado. Por hoje, nada mais. Afetuosamente, em Nosso Senhor e em Sua Santíssima Mãe, Jorge Mario Bergoglio, S.J.".

Um esplêndido estímulo também para interpormos a intercessão de Artêmides Zatti pelo aumento de boas e santas vocações de Salesianos Coadjutores (pp. 52-55).

3.2. Devoção e entrega a Maria Auxiliadora

Não posso concluir sem mencionar a presença e o papel que Maria Auxiliadora teve na vocação e no caminho de santidade de Artêmides Zatti. "Acredito – afirma uma testemunha – que o servo de Deus sentia devoção a Maria Auxiliadora como poucos". E na *Positio* lemos: "Para compreender o afeto com o qual ele era amava a Maria, é preciso percorrer suas cartas, onde ele aconselha os membros da família a recorrer a Maria, onde ele afirma que, se ele está na Congregação, ele deve isso a Ela, onde ele reconhece que deve sua vida a Nossa Senhora e onde há um apelo à sua ajuda e intercessão a cada passo". De fato, ele atribuiu sua recuperação da tuberculose a Nossa Senhora – como vimos – e, por isso, consagrou toda a sua vida a Deus, aos doentes e aos pobres. Todos os dias ele a honrava com a recitação do Rosário, mesmo quando andava de bicicleta pelas ruas de Viedma, e todos os dias fazia os doentes recitarem o Rosário. A saudação mariana quando entrava nas casas era característica: "Ave Maria puríssima". São muitos os sinais que testemunham a presença de Maria continuamente sentida, que sustentava o servo de Deus em sua missão e o inspirava na fé que o movia e na caridade de um bom

samaritano a serviço dos necessitados.

dom Pierluigi Cameroni, sdb
Diretor da Obra Salesiana Sagrado Coração – Bolonha